



CENTRO COMUNITÁRIO JOÃO XXIII

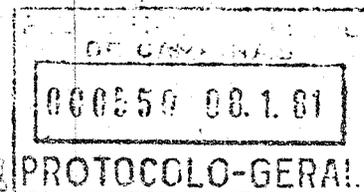
. PAPA JOÃO XXIII S/N.º (ESQ. AV. B-2)
 .100 - CAMPINAS

C. POSTAL 925

JARDIM EULINA
 EST. SÃO PAULO

Dr. Francisco Amaral.

Prefeito Municipal de Campinas.



Atendendo ao ofício de 31 de dezembro apreso-me em responder-lhe sobre a denominação da praça fronteiriça ao Centro Comunitário João XXIII.

Considerando o grande número de moradores do Jardim Eulina que vieram de outros lugares e estados;

Considerando que a Campanha da Fraternidade - 80 foi dedicada aos Migrantes;

Considerando que a grandeza de nossa cidade depende em grande parte do suor da "gente simples" que aqui aportou foi escolhido o nome da Praça dos Migrantes.

Outros nomes seriam de pessoas vivas como o de Pe. Antonio Rech, Pe. Vito Miracapilo; Praça das Rosas, ou da Paz ou da Liberdade, ou Papa João Paulo I, Papa João XXIII, João Paulo II.

Esperando que assim tenha atendido ao amável apelo e agradecendo os votos de Ano Novo, despeço-me.

Afetuosamente.

Camp, 5 de janeiro de 1981.

Roberto Luiz da Silva Costa

PRAÇA DOS MIGRANTES

8



28 JUL 1981

DECRETO N.o. 6551 de 27 de julho de 1981

DENOMINA "PRAÇA DOS MIGRANTES" UMA PRAÇA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 - Lei Orgânica dos Municípios,

DECRETA:

Artigo 1o. - Fica denominada "PRAÇA DOS MIGRANTES" a Praça do Jardim Eulina - 2a. parte, circunscrita pelas Avenidas João XXIII, Dr. Hermann da Cunha Canto e B-1.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 27 de julho de 1981.

DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal em Exercício

DRA. NEIDE CARICCHIO
Secretária dos Negócios Jurídicos

ENGO. DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado N.o. 550, de 8 de janeiro de 1981, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 27 de julho de 1981.

DR. HAMILTON DE OLIVEIRA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

PRAÇA DOS MIGRANTES



Hoje, 2 de dezembro, é também o Dia do Migrante (e início do Ano Eucarístico). Um dia importante para São Paulo, particularmente, porque o migrante, vindo de todas as partes, contribuiu com suor e sangue para a grandeza atual da nossa cidade e do nosso Estado.

Historicamente, o primeiro migrante brasileiro foi o índio, logo após a chegada dos portugueses, em 1500. Sua migração foi uma fuga, pois quando os lusos tomaram suas terras e tentaram escravizá-los, os silvícolas fugiram mais para o Interior. O segundo, foi o africano que, escravizado, também fugia, procurando a segurança dos quilombos.

Depois a história das migrações no Brasil se precipitou, sobretudo nos últimos trinta anos, com os nordestinos fugindo da seca à procura das grandes cidades do sul e, durante a fundação de Brasília, com a ida para o planalto de brasileiros do Norte, do Nordeste, Oeste e até mesmo do Sul.

São Paulo, por causa das migrações, recebeu sempre farta mão-de-obra. Os "baianos" (assim denominados todos os que vinham do Norte e Nordeste) deram uma substancial contribuição para o crescimento vertical da cidade de São Paulo.

FALA DOM ARNS

Na coluna "Encontro com o Pastor", do jornal "O São Paulo" de hoje, dom Paulo Evaristo, o cardeal Arns, fala com carinho do migrante e da abertura do Ano Eucarístico, de cujo texto (da venia) transcrevemos alguns trechos:

"Católicos, cristãos, homens que buscam a Deus e

que seguem a consciência na procura da Verdade e do Bem:

No domingo de abertura da recente Semana dos Direitos Humanos, perguntou o conferencista, quem dos presentes havia nascido fora de São Paulo. Na sala, encontravam-se de 350 a 400 pessoas, todas representando grupos populares. Em resposta à pergunta do conferencista, foram tantos os braços levantados, que tínhamos a impressão de não sobrar quase paulistanos que representassem tais grupos de expressão popular. De fato, porém, verificamos depois, por uma nova pergunta: "Quem, daqui, nasceu em São Paulo?" — uns 50 a 70 eram, de fato, paulistanos.

Não se tratava, evidentemente, de opor um grupo a outro. Pelo contrário, dese-

javam todos a melhor solução para a periferia da cidade e para os favelados. Eram de fato esses os assuntos em discussão.

Este domingo, além de ser Dia do Migrante, é também abertura do Ano Eucarístico, que tem como tema central nossa comunhão com o migrante e com o Cristo que o acompanha.

Situação dos migrantes no mundo e no Brasil

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados Políticos publicou, em fins de 1978, uma estatística deveras impressionante. Creio que não houve época, na História da humanidade, em que tantas pessoas fossem obrigadas a recomeçar a vida longe de suas terras e muitas vezes separadas dos entes mais queridos, como nos dias de hoje. Aqui vão alguns dados oficiais:

Na África vivem 4.849.000 refugiados.

Na Ásia, 3.986.000.

Nos Estados Unidos, 1.684.000.

Na Europa, 1.572.000.

Se somarmos ainda os demais continentes, chegaremos à soma fantástica de 12.476.000 refugiados. Infelizmente, também mais de 1 milhão de latino-americanos são forçados a viver em terras estranhas.

Se nos voltarmos agora para os migrantes internos,

a situação ainda é mais alarmante. Enquanto nos outros países os migrantes são vítimas de guerra ou de regimes autoritários, em nosso País, são eles vítimas da guerra econômica e da intransigência dos latifundiários.

Assim, só na periferia das cidades de nossa Igreja de São Paulo — por exemplo, Osasco, Barueri, São Paulo — temos mais de 4 milhões de pessoas que vivem sem comunicação com as raízes afetivas, e sociais, obrigados a se acomodarem a situações infra-humanas.

No entanto, não temos direito de sermos negativos, nem tampouco de cruzarmos os braços diante da situação. Precisamos conhecer as causas e atacá-las pela raiz, enquanto é tempo.

Tanto as vítimas que conseguem manifestar-se, quanto os estudiosos que se debatem sobre o problema, chegam à conclusão:

Falta de segurança

De fato, ninguém agüenta viver longo tempo sem espe-

rança alguma. Mesmo os que não forem expulsos de suas terras por violências físicas ou jurídicas, sentem-se pressionados pela lei da sobrevivência. E aí se inicia a caminhada caótica para a periferia das cidades.

O que, de mais importante desejam as famílias?

Nas pesquisas realizadas em todos os ambientes da periferia, sempre voltam à tona três aspirações profundas do povo. Não importa, se vieram do campo ou nasceram na cidade. São três molas da existência. Três fatores decisivos, na organização da vida. Vejam os meus leitores, se também não é este o seu próprio programa de existência.

O que as famílias todas de fato procuram:

- trabalho;
- educação;
- saúde;

Todas as motivações religiosas, psicológicas e outras são canalizadas para dentro dessas aspirações. A partir delas também se espera a felicidade, o lazer, o encontro, ou seja, a própria cultura.

Se pensarmos bem, reside aí a força e o futuro de qualquer nação. Como, pois, querer mal ao povo, se é exatamente isso que procura?

É verdade também que o "mito" da cidade atrai nossa gente do Interior. Os meios de comunicação têm grande responsabilidade nesta área. Mas também a propaganda, feita de boca em boca. Como ainda o verniz da civilização. De fato, tudo acaba numa grande frustração, muitas vezes, numa situação irremediável.

Meus amigos:

Ao falarmos da Eucaristia, temos que entender que o próprio Cristo quis: comida, comunhão e sacrifício. É a síntese e a expressão máxima de seu amor. É também o programa de seu povo.

Ao abrírmos, neste domingo, o Ano Eucarístico, voltamos para o migrante, com o grande programa da comunhão, do alimento e da participação no seu sacrifício. Que o Cristo Eucarístico nos confirme e nos conforte".

PRAÇA DOS MIGRANTES
JUSTIÇA SOCIAL
DIA DO IMIGRANTE

ALFREDO ATTÍE
(Do "EPOS")

Em boa hora, sob a inspiração universal da Igreja, foi inserido em nosso calendário o dia do Imigrante, no 1.º Domingo do Advento. Desnecessário é dizer que a data transcende os limites de meras e formalísticas comemorações para constituir vivência de uma realidade, desde há muito exigindo gratidão e reconhecimento de nossa parte. Seu conteúdo é profundamente humano e solícito, de todos, participações efetivas, em dinamismo e sinceridade, para se alcançarem soluções dignas aos múltiplos problemas que envolvem o imigrante em nossa terra.

Os imigrantes aportam a nossas plagas com saudade imensa de seus rincões, angustiados de terem deixados, a distancia seus entes mais caros. E soluçam num derradeiro adeus, a perda definitiva de seus familiares, ao se defrontarem com as inúmeras dificuldades e incompreensões, que os rodeiam em nosso ambiente. Os pais, as esposas, os filhos esperam, esperançosos a concretização do abraço, da união definitiva, num ambiente de segurança e tranquilidade.

Mal sabem eles que os pobres mensageiros que aportaram em busca da felicidade, foram colocados num casarão imenso, escuro e desconhecido, sem uma vela sequer para guiar seus vacilantes passos. Quando os imigrantes se perdem, no bulício tentacular de nossas cidades, suplicam aos céus orientação e misericórdia per-

dendo assim o sorriso e a esperança que traziam no coração.

O imigrante merece, em nossa história, um capítulo de louvor e gratidão, pois enfrentando toda sorte de agruras e dificuldades, muitos conseguiram firmar-se solidamente, e quase todos porque labutaram para o engrandecimento da nossa Patria e de nossa gente dando-nos também filhos honrados, dedicados e sobretudo bem formados.

A pobreza e, muitas vezes, a miséria os assaltaram e nas posições humildes e nas desventuras são esteio de honradez, exemplo vivo a colaborar sem descanso, por um Brasil maior; e a propiciar nos seus caldeamentos a formação de um tipo autenticamente nacional.

São os imigrantes, acossados ao chegar, por toda sorte de dificuldades, (inclusive a ausencia de documentação legal, que lhes custa "os olhos da cara"); nem por isto perdem a fé, o entusiasmo e a disposição de vencer. Se existem os maus imigrantes, não esqueçamos que a maioria é docil, paciente e boa, e esta serve a toda coletividade com seu labor proficuo e desinteressado.

Não queremos nos esquecer, também dos nossos irmãos dos outros Estados do Brasil, que aqui procuram definir-se e realizar-se. Quantos, iludidos pelas aparências e pela ausencia de orientação, vêm morrer depauperados, pela fome no asfalto cruel de nossas arterias.

A impressão da riqueza e pujança se dilui em face do materialismo que circunda nossos relacionamentos.

Na complexidade dos dias que se acumulam, verificamos que o homem já não representa valor, principalmente o pobre imigrante, e por isto são relegados a plano secundário, são menos considerados que as maquinas e seus assessorios. Não se procura através do respeito a dignidade humana aprofundar conhecimentos com o fito de pesquisar e superar a causa dos problemas existentes, promovendo integral e eficaz ajustamento dos deserdados da sorte.

Estas considerações, são consequencia de uma realidade, que presenciámos no dia do Imigrante, numa inspiração que nos propiciou profundas reflexões, que mal se resumem nestas linhas. Participamos da reunião de um puglio de homens que fundaram naquela data a Mutua Hispano-brasileira de Assistencia Social, organização cujo principal objetivo é auxiliar, ambientar e ajustar o imigrante espanhol em nossa comunidade. No contato com este mundo humano, representado pelo imigrante espanhol, verificamos inúmeras dificuldades, como sejam: profissionais, economicas, ambientais, familiares etc. E sobretudo um profundo cepticismo desalentador, e muitas vezes desespero, pelo muito que lhes foi prometido e o pouco ou nada que lhes é dado.

Hoje, tudo é diferente para estes homens com a fundação da Mutua que virá esclarece-los, orienta-los e auxilia-los na solução de seus problemas. Feliz e abençoada hora foi aquela que passamos ouvindo os anseios que estavam a ponto de solucionar definitivamente e vendo os esforços despretenciosos, de alguns (integrados no "amal-vos uns aos outros como Eu vos ame") que tudo fizeram para a elevação e orientação do mundo que rodeia o imigrante.

Neste final, formulamos um apelo a todos os responsaveis pelos destinos de nossa Patria, a todas as nacionalidades e principalmente a todos os brasileiros para que ajudem sempre o imigrante, promovendo sua perfeita identificação com a terra que os rece-



ANPV1. 3447.4
re para que se celebre com Amor e Caridade cristã esta data comemorativa — O Dia do Imigrante, porque isto, é também Justiça Social.



MIGRANTE: SEM TERRA À PROCURA DE UMA ESPERANÇA (I)

O problema afeta milhões de brasileiros

CAETANO MATANÓ JUNIOR

“Vai chegar o tempo do pessoal num ter mais aquito. Já hoje ta-se vendo, é uns pra baixo e outros pra cima. O Brasil é tão grande... nós devia ao menos ter sossego, mas as terras tão tudo com os tubarão...” (depoimento de um lavrador de Propriá — Sergipe).

A série de reportagens que hoje se inicia tem a finalidade de discutir sobre múltiplos aspectos o problema da migração brasileira, de vez que se constitui num dos grandes problemas nacionais. A migração afeta milhões de brasileiros. O objetivo é analisar as causas e as consequências, tanto na cidade como no campo.

Assim sendo, inicialmente vamos aproveitar a experiência adquirida na vivência prática dos Centros Pastorais dos Migrantes e também do Centro de Estudos Migratórios (sediado na rua Dr. Mário Vicente, 1.103 — Ipiranga — tel: 63-1492. Cx. Postal 42.756) quais são seus objetivos, e qual a ação prática.

Por que existem os Centros Pastorais dos Migrantes e o

Centro de Estudos Migratórios, e o que são?

Esses organismos surgiram para atender às dificuldades que os migrantes encontram em sua caminhada, desde o ponto de partida, até o destino. Esses organismos existem para organizar o migrante com vistas à luta contra a exploração que sofrem; esclarecer o migrante sobre as causas sociais responsáveis pela migração; conscientizá-lo da vastidão dos problemas que afetam sua vida.

Pertanto, o Centro de Estudos Migratórios (entidade ligada à Congregação dos Missionários de São Carlos) tem por objetivo estudar, pesquisar, analisar o fenômeno migratório. Nesse sentido foi ao longo dos anos colhendo material didático, depoimentos, estudos científicos, enfim vasto material de estudo montado hoje numa biblioteca. Para difundir suas análises e influir no processo edita um boletim chamado Vai-Vem.

Os quatro Centros Pastorais dos Migrantes que existem no Brasil (em São Paulo, na rua

Glicério; em São Bernardo, junto à igreja da Boa Viagem; em Curitiba, e um outro em Cuiabá) desenvolvem trabalhos promovendo o migrante. Recebe-os providência documentos, ministra cursos profissionalizantes, oferece pouso e os encaminha na direção da produção.

O QUE PRETENDEM?

Ao estudar o problema, analisar os fenômenos migratórios, e depois agir em conjunto, destinam-se a conscientizar a sociedade de um modo geral e a Igreja em particular sobre a necessidade de participar do processo. A fim de colher dados, as equipes percorrem o Nordeste, o Centro-Oeste, o Norte e já enviou até agentes ao Paraguai onde vivem cerca de 300 mil brasileiros. Estudam os fluxos migratórios, “in loco”. Em seguida, divulgam os dados organizados, a fim de fazê-los chegar até às bases, comunidades, grupos, enfim até as pessoas interessadas, e principalmente ao migrante. Durante a Campanha da Fraternidade de 1980, cujo lema foi “O Migrante”,

editou várias obras, sendo que uma delas, com tiragem de 80 mil exemplares, denunciou a “Via-Sacra” do migrante.

QUAL A PRINCIPAL CAUSA DA MIGRAÇÃO?

Os documentos do Centro de Estudos Migratórios mostram que a principal causa da migração encontra-se na concentração cada vez maior da propriedade da terra na mão de poucos, enquanto a grande maioria fica cada vez mais marginalizada. Como solução para o problema defende a realização de uma Reforma Agrária que possibilite a utilização da terra por todos os camponeses, com vistas a fixar o homem no campo.

Com essa visão do problema o CEM ministra cursos, e seus agentes desenvolvem uma Pastoral Migratória promovendo o migrante, atende-o, conscientizando-o no sentido de transformá-lo em agente de seu próprio destino. Uma frase significativa como mensagem:

— “Posseiro de cá, manda dizer pra posseiro de lá que é pra ficá.”

(“Folha da Tarde” de SP de 28-setembro-1981)



MIGRANTES: SEM TERRA À PROCURA DE UMA ESPERANÇA (II)

Verdadeira marionete

CAETANO MATANÓ JUNIOR

Na reportagem anterior a concentração da propriedade da terra e a marginalização cada vez maior das grandes massas camponesas foi apresentada como a causa principal dos fenômenos migratórios. Hoje os estudos desenvolvidos pelo Centro de Estudos Migratórios vão esclarecer sobre quem é o migrante; o que o caracteriza, e ainda como o migrante vê a si próprio.

QUEM MIGRA HOJE NO BRASIL?

Antes de mais nada, é necessário caracterizar bem a figura do migrante. Ainda porque, embora as estatísticas indiquem a existência de 40 milhões de brasileiros residindo fora do município em que nasceram, não cabe a afirmação de que esse seja o número de migrantes. O verdadeiro migrante é aquele homem que foi expulso da terra. Aquele que, por razões de sobrevivência, é forçado a procurar novos meios de vida em outro local. Nesse sentido, a palavra MIGRANTE carrega em si a relação explorador/explorado. Ou seja: o migrante existe porque alguém lhe tomou a terra. O migrante é fruto de um sistema que privilegia as grandes empresas agropecuárias em detrimento dos pequenos proprietários. Impossibilitado de vencer uma competição desigual e pressionado, muitas vezes, por meios nem sempre legais, o camponês é obrigado a

se desfazer da terra, que é seu único meio de sobrevivência. Portanto, a migração é um fenômeno compulsório e os migrantes são as vítimas de uma política que exclui os pequenos. Assim sendo, os migrantes são os espoliados, os pobres.

SERIA DIFÍCIL DAR O NOME A ESSES ESPOLIADOS?

Absolutamente. Migra quem perdeu a terra. E, quem, hoje, no Brasil, perdeu ou está em vias de perder um pedaço de terra? A resposta não parece difícil, de acordo com os documentos do Centro de Estudos Migratórios: são os posseiros, os arrendatários, os meeiros, os pequenos proprietários rurais... O grande proprietário rural, incrementando a terra com sofisticada mecanização e desenvolvendo a monocultura de exportação, dispensa a pequena propriedade. Aos lavradores, portanto, só resta deixar a terra. Em consequência, o campo perde enorme força de trabalho, que se dirige sempre para a cidade. Um detalhe: o êxodo rural tem grande predominância de jovens. Numa pesquisa realizada pelo Sim — Serviço de Integração do Migrante na Bahia, ouvidos cerca de dez mil migrantes, ficou constatado que 80% deles eram do sexo masculino, e, destes, 87% estavam na faixa etária entre 17 e 41 anos. Fica evidenciada a drenagem de enorme força de trabalho do campo para a cidade.

PERDIDA A TERRA, O QUE ACONTECE COM O MIGRANTE?

O padre Luís Basségio, coordenador do Centro de Estudos Migratórios, e o agente pastoral Alfredo Gonçalves afirmam:

"A imagem que nos ocorre para exemplificar essa enorme massa de seres humanos em êxodo é a seguinte: o migrante é uma verdadeira "marionete" ao sabor de uma poderosa mão: o sistema capitalista. Primeiramente, ele é marionete na luta pela terra. A mão de ferro, manipulando fios invisíveis, coloca os colonos contra índios, contra posseiros, contra jagunços, numa luta que só enfraquece os fracos e possibilita a compra de terra pelos fortes. O migrante ainda é "marionete" em seu trânsito para os grandes centros. Certos órgãos e instituições, criados para acolhê-lo, frequentes vezes usam um jogo de "empurra-empurra" que o confunde mais ainda, ou, o que é pior, chegam até a explorá-lo. Finalmente, o migrante também é "marionete" no seu destino. Numerosas empresas (industriais, agropecuárias, de construção civil) requisitam sua mão-de-obra para os trabalhos os mais pesados e sacrificados, em troca de irrisórios salários. E a mão-de-obra desqualificada. É uma denúncia corajosa mas necessária, desde que se pretenda realizar uma Pastoral não apenas assistencialista e paliativa".

O MIGRANTE O QUE DIZA TUDO ISSO?

"A gente trabalha a vida inteira na terra. depois o fazendeiro não quer mais a gente lá. Só quer gado e cana. Daí a gente é expulsa pra beira da estrada. Depois vem o DNER e bota a gente pra fora. Aí a gente vai pros cantos da cidade e constrói um barracão. A cidade cresce, aí vêm os fiscais da Prefeitura e querem expulsar a gente. Neste mundo não tem lugar pra gente, não". Assim se expressou uma dona-de-casa de Sapé, na Paraíba, em dezembro de 1978.

Outro depoimento que consta de uma carta Pastoral do bispo de Propriá, em Sergipe, e reproduzido "Nos caminhos de Puebla", afirma:

"Tem gente demais que sai pra fora porque a empresa tomou tudo quanto a gente possuía e não pagou o que a pobreza tinha direito". Ou então: "o patrão só queria gente entendida em trator; tivemos que se mandar para a cidade", conforme depoimento de um engraxate de rua em São Paulo.

Milhões de migrantes, espoliados da terra e explorados em sua força de trabalho, denunciam: "Só sei trabalhar a terra com as mãos".

Está é a característica do migrante que engrossa um exercito de mão-de-obra desqualificada de reserva para as grandes indústrias e que aspira de novo voltar à sua terrinha e fincar os pés no seu chão.

("Folha da Tarde" de SP de 29-setembro-1981)



MIGRANTES: SEM TERRA À PROCURA DE UMA ESPERANÇA (III)

Os fluxos migratórios

CAETANO MATANÓ JUNIOR

"A maioria não tem onde plantar. Planta quando encontra, e depois tem que plantar capim. Se não plantar, não consegue mais terra no outro ano. A distância para plantar é de uma légua. Aprendi muito de meu pai. E melhor passar mal, mas trabalhar pra si. Alugado não tem raiz". (Depoimento de um trabalhador de Propriá — Sergipe).

MIGRAÇÃO É FENÔMENO RECENTE NO BRASIL?

A migração é um fenômeno que existe desde quando o Brasil foi descoberto. Os próprios descobridores eram emigrantes europeus. Os índios que moravam no Litoral foram expulsos para o Interior. Migraram forçadamente para não serem escravos dos brancos. Ainda hoje, os índios lembram disso. Há uma tribo no Centro-Oeste que, mantendo um costume antigo, põe seus mortos numa canoa a fim de que esta conduza o cadáver do índio até o mar. Dizem: — "índio ser feliz, voltar terra salgada". Sua concepção de felicidade é viver no Litoral, de onde vieram seus antepassados.

Também os negros vieram para o Brasil de maneira forçada: como escravos. A história registra ainda migrações de povoamento e migrações segundo os vários ciclos econômicos: cana, mineração, borraça, café etc.

Por volta de 1850, começaram a chegar os imigrantes europeus. Até mais ou menos 1930, vieram mais de um milhão de italianos. O instrumento ideológico usado, na oportunidade, para ludibriar esses imigrantes era a propriedade da terra, impossível de ser alcançada na Itália. Segundo José de Souza Martins, no seu livro "O cativo da terra", o "imigrante que trabalhasse, poupasse e fosse morigerado, conseguiria dinheiro e se tornaria proprietário". Só que a verdade foi a seguinte: somente 14% desses imigrantes conseguiram tornar-se proprietários.

Os restantes 86% trabalharam para construir fazendas para terceiros. Isto para citar um e x e m p l o d e u m a nacionalidade.

Também em 1930 se torna mais registrada a migração de nordestinos para o Sul — Suldeste. Somente entre 1940 e 1950, migraram cerca de 482 mil nordestinos. De 1950 a 1960, o número aumentou para 650 mil pessoas, das quais 400 mil somente para São Paulo. De 1960 em diante, os centros receptivos ficaram diversificados: construção de Brasília, Norte do Paraná, Mato Grosso, Transamazônica, Rondônia etc.

QUAIS OS PRINCIPAIS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNOS?

Segundo George Martine, técnico da OIT — Organização Internacional do Trabalho —, "as migrações aumentaram com a erradicação da cultura do café, substituída por culturas voltadas ao mercado externo, que exigem mais terras e menos mão-de-obra devido à mecanização". Em consequência, houve a valorização das terras, que se tornaram mais disputadas e, consequentemente, aumento do êxodo rural. Segundo aquele pesquisador, na última década cerca de 1,5 milhão de pessoas deixaram o Estado do Paraná.

Atualmente, a migração se processa em duas direções principais: do campo para a cidade, e do campo para a fronteira agrícola (novas terras) e grandes obras.

Os fluxos migratórios ganham velocidade. Hoje, se processam mais rapidamente.

DO CAMPO PARA OS GRANDES CENTROS URBANOS

São Paulo, Rio, Recife, Belo Horizonte, Fortaleza e Salvador destacam-se entre as principais cidades que recebem migrantes. Só o Município de São Paulo, entre 1970 e 1980, cresceu mais do que as regiões Norte e Centro-Oeste, incluindo

Brasília. Para a capital de São Paulo dirigem-se nordestinos, moradores no Norte do Paraná e do próprio Interior do Estado. Consequência: 1,8 milhão de pessoas — acredita-se — vivem em favelas, em São Paulo, números considerados bem modestos.

DO CAMPO PARA NOVAS TERRAS

Pode ser citada a corrente que parte do Nordeste e se dirige ao Norte, na Transamazônica; do Sul em direção ao Centro-Oeste e Norte. Há informações de que, nos últimos tempos, mais de 500 mil famílias teriam se dirigido para Rondônia, e muitas desistiram para Roraima. Nos últimos dez anos, cerca de 39 mil proprietários venderam suas terras no Rio Grande do Sul. No Brasil, esse número se eleva para 400 mil. Cabe ainda citar as milhares de pessoas que se deslocaram (seja da cidade seja do campo) para trabalhar nas grandes usinas hidrelétricas: Itaipu, Tucuruí e Sobradinho.

PARA ONDE SE DIRIGEM OS MIGRANTES QUE DEIXAM O BRASIL?

E para o Paraguai que se dirige o maior número. Cerca de 300 mil brasileiros já lá se encontram. Em segundo lugar, para a Bolívia, sempre a procura de terra para trabalhar.

Os estudiosos dos problemas migratórios, agentes da Pastoral, não acreditam que esse vai-vem de brasileiros possa terminar enquanto durar a atual estrutura agrária brasileira, ou enquanto durar a abertura da fronteira agrícola. É que todo o incentivo fiscal, isenção, financiamentos e vários outros recursos somente estão disponíveis para a implantação de grandes empresas agrícolas, enquanto ao pequeno proprietário, lavrador, posseiro, meeiro etc, continuará cabendo, como última esperança, a migração forçada!

(“Folha da Tarde” de SP de 30-setembro-1981)



MIGRANTES: SEM TERRA À PROCURA DE UMA ESPERANÇA (4)

Diminui o número de proprietários

CAETANO MATANÓ JUNIOR
Esta quarta reportagem da série Migrantes: sem terra à procura de uma esperança tenta aprofundar as causas da migração. Muitos são os fatores que expulsam o homem do campo e aqui não há espaço para analisar todos eles. Procuraremos apenas indicar algumas pistas que nos levem à causa principal.

O QUE LEVA TANTA GENTE A DEIXAR O CAMPO?

Ao contrário do que muita gente pensa, o migrante não é alguém atraído pelas luzes da cidade, alguém que quer conhecer o Brasil ou alguém que tem espírito de aventura. Por trás de qualquer atração pela cidade, há sempre um fator de expulsão. O migrante só é atraído para a cidade porque foi expulso devido a uma situação difícil no local de origem. Os fatores determinantes da migração estão ligados a uma estrutura política e econômica que privilegia a maximização de lucros, a concentração da terra e da renda e os projetos faraônicos como Proálcool e Itaipu. A busca da cidade não passa de uma consequência de inviabilidade de continuação na terra. Jamais um pai de família deixaria um sítio que lhe desse perfeitas condições de vida para aventurar-se atrás de um emprego incerto.

COMO A CONCENTRAÇÃO DA TERRA SE RELACIONA COM A MIGRAÇÃO?

Na verdade, os migrantes

não passam de vítimas de uma racionalidade econômica que dá todo apoio à iniciativa privada das grandes empresas agropecuárias. Deste modo, as terras cultiváveis vão sendo cada vez mais incorporadas aos grandes latifúndios. Os números do IBGE mostram que no ano de 1972 os minifúndios totalizavam 72% do número de imóveis rurais e representavam apenas 12,5% da área agricultável. Por sua vez, os latifúndios representavam apenas 23,3% dos imóveis somando 77,9% da área agricultável. Voltadas para o mercado externo e utilizando mecanização ultramoderna, as empresas agrícolas derrubam, pela concorrência, os pequenos e médios proprietários. Nos últimos anos o número de propriedades rurais diminuiu sensivelmente em proporção inversa ao violento crescimento de sua extensão territorial. Reduziu-se o número de proprietários, aumentando em contrapartida, a multidão dos sem terra. Assim, de 1970 a 75 os grupos com mais de 100 hectares estão incorporando mais terras às que já possuem. Os grupos que possuem entre mil e dez mil hectares aumentaram suas áreas em 569.029 hectares. Os grupos que possuem mais de dez mil hectares também aumentaram o seu poderio econômico ampliando suas áreas em 263.661 hectares. Por outro lado, a área perdida pelos

pequenos proprietários que possuem menos de dez mil hectares foi de 285.745 hectares (Sem terra e sem rumo, CPT-Paraná, utilizando dados do IBGE).

Em termos de pessoas, quais são os números?

Segundo o mesmo documento da CPT, o Estado do Paraná perdeu, de 1970 a 75, exatamente, 84.882 pequenas propriedades o que equivale a um número superior a 350 mil pessoas. No Rio Grande do Sul, nos últimos dez anos, 39 mil pequenos proprietários tiveram suas terras incorporadas aos latifúndios. Por seu turno, no Brasil, nos últimos seis anos, 400 mil lavradores se desfizeram de suas terras. Estes dados mostram a forma vertiginosa como vem ocorrendo a expropriação de terras em nosso País.

Qual seria então a causa principal desse êxodo em massa?

Sem excluir as calamidades (seca, geadas, etc) que também atiram muitas famílias à estrada, temos de admitir que o grande contingente dos espoliados em êxodo tem uma causa muito mais profunda. A verdade é que, embora nos últimos anos tenha havido, por parte do Governo, uma certa guinada para a agricultura, esta prioridade está assentada sobre a grande empresa agropecuária, ou agroindustrial. Desenvolvendo a mo-

nocultura de exportação e os projetos faraônicos, a empresa estende sua propriedade através da aquisição de terra, dispensa grande quantidade de mão-de-obra e atrai levas de colonos à cidade os quais vão pressionar a achatamento dos salários. Este jogo cria lucros, os lucros criam capital e o capital é utilizado na compra de mais terras. Daí o círculo vicioso, segundo o qual a grande empresa quanto mais cresce mais expulsa lavradores, e quanto mais os expulsa mais se agiganta.

Não podemos esquecer que tudo isto é orientado por um modelo político e econômico baseado na propriedade privada da terra; um modelo que concentra a renda na mão de poucos e que beneficia os grandes empresários: o modelo capitalista dos melos de produção. Este modelo não está interessado em solucionar o problema dos despojados da terra, mas unicamente em elevar os lucros dos grandes proprietários. Em outras palavras, é um modelo que serve aos que o dominam e, com isso, não titubeia em expropriar aqueles que trabalham na terra e necessitam dela para viver.

Certamente existem outros fatores de migração. Mas estamos convictos que a todos eles está subjacente uma política que visa e serve o acúmulo do capital às custas da miséria como meio de vida.

("Folha da Tarde" de SP de 01-outubro-1981)



MIGRANTES: SEM TERRA À PROCURA DE UMA ESPERANÇA (5)

Consequências da migração

CAETANO MATANÓ JUNIOR

QUEM SOFRE AS CONSEQUÊNCIAS DA MIGRAÇÃO?

As consequências são sentidas pelo homem do campo, principalmente pelos meeiros, arrendatários e posseiros. As consequências podem ser percebidas a nível pessoal, familiar, tanto no campo como na cidade e se caracterizam pela falta de produtos básicos de consumo, na pressão para o achatamento dos salários devido à grande oferta de mão-de-obra fruto dos fluxos migratórios. É um ciclo pecaminoso.

A concentração da terra é favorecida pela política fiscal de incentivos, pois são dadas isenções de Imposto de Renda aos que compram novas terras. Acontece porém que na maioria das vezes nessas terras já existem moradores que produzem arroz, feijão, milho, mandioca, etc. Enfim, os principais produtos que o povo consome. Com a saída do pequeno lavrador, meeiro arrendatário ou posseiro, cuja terra de uma ou outra forma passou para o grande empresário, começam a faltar os produtos dos quais o povo necessita. Os preços desses produtos sobem. Deixando o campo esse lavrador vai engrossar a oferta de mão-de-obra na cidade, vai pedir emprego na indústria. Ai nova-

mente ele é usado. E vítima de um processo: premido pela necessidade de sobrevivência, aceita salários inadequados e substitui trabalhadores organizados, que são demitidos. Portanto, contribui para o achatamento salarial, e dificulta a organização popular.

QUAIS AS PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS NO CAMPO?

Ocorre um envelhecimento. Pesquisas revelam que migra mais a força jovem, homens principalmente entre 14 e 40 anos. Sobram, portanto, os velhos para trabalhar no campo, cada vez mais despojado. No Estado da Paraíba, por exemplo, entre 1960 e 1970, nada menos do que 52 municípios diminuíram de população. Na região mineira de Teófilo Otoni de um total de 26 municípios, 24 diminuíram de população na década de 70. Outro exemplo: pesquisas realizadas em 1970 indicavam que em 1980 o município de Ataléia estaria com uma população menor em 50,43%. Esse fenômeno facilita sensivelmente a expansão dos latifundiários. Nessa região, segundo informações locais, nem mais o vaqueiro dorme na fazenda. Ele mora na favela, tendo muitas vezes que levantar às 2 horas da manhã para, andando, chegar ao trabalho.

Por outro lado, a produção voltada principalmente para os produtos exportáveis, acarreta uma política altista nos produtos de consumo interno, em prejuízo, portanto, da população local.

Em seis anos, em todo o Brasil, desapareceram 400 mil minifúndios. O povo que continua trabalhando na roça, ou nas pequenas cidades do Interior se transforma em boiadeira. Calcula-se que esse total ultrapasse a dez milhões de pessoas.

NAS CIDADES, QUAIS AS PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DA MIGRAÇÃO?

O crescimento das favelas está diretamente ligado com o problema migratório. Pesquisas mostram que quase 100% dos favelados são provenientes do Interior, e na grande maioria, migrantes recentes. Ultimamente, a população favelada está recebendo também operários locais, sem condição de continuarem morando em cômodos de aluguel.

Em São Paulo, era de 42 mil pessoas a população favelada em 1972. Em 1979, esse número atingiu 1 milhão e 100 mil pessoas e ultrapassa a 1 milhão e 800 mil atualmente. O mesmo processo se verifica no ABC, onde em 1974 eram conhecidas apenas sete favelas. Em 1980

as favelas haviam aumentado para 181, totalizando uma população de 200 mil pessoas.

Em São Paulo, essa população favelada em 1972 representava 0,2% do total; em 1979 representou 10%; nesse período enquanto a cidade cresceu 33% a população favelada cresceu 2.090%. Como consequência verificou-se o agravamento de diversos problemas: saneamento básico, transporte, iluminação, escolas e centros de saúde. Esses problemas se transformam em verdadeiros desafios para o Poder Público: as grandes cidades ameaçam tornar-se megalópolis incontroláveis.

A migração ofertando mão-de-obra barata, contribui para o aumento da rotatividade, e pressiona também o aumento do subemprego. Pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos Migratórios mostraram que 70% das pessoas subempregadas eram migrantes. A migração ocasiona nas cidades aumento da marginalização e também aumento do número de menores abandonados. A nível familiar causam a desagregação: aumenta o conflito de gerações em consequência da mudança de valores assumidos pelos filhos. O migrante torna-se um isolado e desambientado, e sua individualidade começa a sofrer riscos de despersonalização.

("Folha da Tarde" de SP de 02-outubro-1981)



MIGRANTES: SEM TERRA À PROCURA DE UMA ESPERANÇA (6)

Atividades da Pastoral Migratória

CAETANO MATANÓ JÚNIOR

1 — O que fazem os Centros Pastorais dos Migrantes para responder às necessidades dos migrantes?

O migrante que se encontra em viagem ou que acaba de chegar a um novo lugar, é, acima de tudo alguém carente de informações, meios para sobreviver, e sem documentação e profissão, muitas vezes. E por isso que, num primeiro momento, se justifica uma ação assistencialista, mas que deve levar o migrante a entender as causas da migração, ou que seja um meio para que ele possa entender isso. A assistência pela assistência, a nada leva.

Assim, o migrante que chega a um dos Centros Pastorais dos Migrantes encontra pouso por alguns dias, alimentação, orientação e acolhimento. Outros serviços aí prestados são: documentação quando for necessária, encaminhamento ao trabalho e passes para os que desejarem continuar a viagem. Os que têm possibilidades de tempo e não moram longe podem frequentar cursos profissionalizantes.

Os Centros Pastorais ajudam também na questão da moradia. O CPM de São Bernardo do Campo, por exemplo, dispõe de um barraco comunitário na favela. O migrante mais carente, ao chegar, não tem onde morar. Muitas vezes mora debaixo do viaduto. Ele é então encaminhado para esse barraco e ali pode ficar até construir o seu barraco. Ele e sua família são encaminhados à comissão de moradores da favela para que se integrem com os demais moradores e lute por melhores condições de vida que lhes foram negadas no campo.

2 — Quais são as outras atividades da Pastoral Migratória em geral?

Querendo ser uma pastoral transformadora, ela atua no sentido de conscientizar os migrantes das causas da migração do Brasil. Por isso informa sobre as principais correntes migratórias no País, seus problemas e conseqüências; e denuncia tudo o que explora os migrantes, como é o caso da grilagem de terras (expulsão), ou quando eles são enganados com falsas promessas. Pro-

cura também divulgar as lutas que o homem do campo leva adiante para não ter que migrar forçado.

E por isso que o CEM/SP e o CPM de São Bernardo editam juntos o boletim das migrações: VAI-VEM. Este quer ser um veículo da voz dos migrantes. Além disso, o Centro de Estudos Migratórios elabora material popular para as reuniões dos grupos de base estudarem e assim se organizarem melhor na defesa dos seus direitos.

3 — Que tipo de ação poderia ser desenvolvida no campo para evitar a migração nos moldes como se vem dando?

Em primeiro lugar, deve-se incentivar a resistência. Por isso, é prioritário o trabalho com posseiros, índios, bóias-frias, pequenos agricultores ou arrendatários. Não apenas incentivar para a posse da terra, mas estimular o trabalho comunitário pela defesa da terra e do direito ao trabalho. A terra é de quem dela precisa para sobreviver.

E necessário também estar presente na construção das grandes usinas hidrelétricas com uma ação crítica. Denunciar o aumento do latifúndio e suscitar cada vez mais no homem do campo o amor à terra e favorecer o surgimento de cooperativas populares voltadas para os interesses do pequeno lavrador.

Neste sentido, uma outra questão que deve ser levantada é a reforma agrária; mas bem entendida. Não como um projeto que parte de cima para baixo, mas que venha das bases. Não é apenas dar terra ao pequeno lavrador. E todo um trabalho de educação. Dar meios e incentivos para o trabalhador do campo. Entendendo-se: terra necessária, incentivos fiscais, garantia nos preços dos produtos, meios para escoar o produto, um sindicato livre e independente para o homem do campo.

Entendemos, então, não uma simples reforma agrária, mas uma reforma agrícola, entendida como falamos acima. Educar para o trabalho comunitário e para a luta comunitária na defesa da terra e dos próprios direitos. Deve ser destacado o trabalho que a Comissão Pastoral da Terra tem desenvolvido nos últimos anos.

Na próxima reportagem: trabalho com migrantes na periferia.

(“Folha da Tarde” de SP, de 03-outubro-1981)



MIGRANTES: SEM TERRA À PROCURA DE UMA ESPERANÇA (7)

Solidariedade Pastoral

CAETANO MATANÓ JUNIOR

EM QUE CONSISTE A PASTORAL MIGRATORIA NA CIDADE?

A Pastoral Migratória na cidade pode parecer inicialmente ter característica assistencialista. É que a Pastoral visa a "assistir" o homem que chega à cidade, comumente desprovido de qualquer recurso de sobrevivência. Uma imagem: um certo homem possui um animal que o incomoda. Assim, ele o mata. O animal entra em estado de putrefação e causa mal-estar. Então esse homem paga a alguém para enterrar o animal. O dono do animal é apresentado através da figura do grande fazendeiro, e o próprio animal representaria o pequeno proprietário.

A figuração quis representar o processo de criação do latifúndio: expulsando o homem do campo, mata-lhe toda a esperança de vida. Migrando, o camponês vai causar profundas chagas sociais. Elas incomodam. Torna-se necessário encobri-las. Surgem então entidades que se ocupam em "encaminhar" os migrantes. Seu ofício é de coveiras, pois procuram enterrar os problemas.

Esse risco corre também a própria Pastoral Migratória. Seu trabalho, portanto, não pode se restringir a receber bem os migrantes. Terá que criar uma consciência do processo no migrante. Nesse sentido, terá que realizar denúncias corajosas, ao mesmo tempo em que propõe a fixação do homem no campo como solução mais definitiva.

A PASTORAL MIGRATORIA ESTA LIGADA A OUTRAS PASTORAIS?

Mais diretamente ligada à Pastoral de Favela, embora nos últimos meses as favelas tenham inchado em decorrência sobretudo do empobrecimento da população local, e do aumento do índice do desemprego. Todavia, o primeiro estágio do migrante é a favela. Muitos não chegam nunca a ultrapassá-lo. Portanto, a luta é por melhores condições de infra-estrutura na própria favela.

Outra Pastoral é a de Direitos Humanos que, através dos Centros (advogados, assistentes sociais, pedagogos, etc), prestam serviços e defendem os favelados. Segue-se a Pastoral Operária (Mundo do Trabalho), pois os grandes êxodos rurais "funcionam" como verdadeiros exércitos de mão-de-obra que ocasionam o achatamento dos salários dos trabalhadores da cidade. Torna-se em consequência necessária uma "consciência" de todo o processo que leva fatalmente à luta por um sindicalismo autêntico, formação de grupos de operários nos bairros, engajamento de um modo geral nas lutas populares.

Novas tarefas são cumpridas pela Pastoral da Periferia, que organiza então o povo em comunidades eclesiais de base. O migrante, marginalizado, toma conhecimento de que deve ser agente de seu próprio destino. A Pastoral da Periferia possibilita que o migrante compare sua vida com o Evan-

gelho, e descubra o caminho a seguir.

A Pastoral do Menor também tem presença garantida. É que a maioria dos menores abandonados provém das favelas. Numa pesquisa realizada com menores no centro de São Paulo, ficou constatado que 80% deles se originavam de outros Estados. A Pastoral da Família desenvolve atividades principalmente junto às mulheres, já que o problema da prostituição também está presente.

QUAL A LINHA PRINCIPAL DA PASTORAL MIGRATORIA NA CIDADE?

Além do que já foi exposto, alertar o migrante para os perigos dos terrenos clandestinos. Casos como os de São Miguel, em que migrantes depois de terem pago todas as prestações não puderam receber os títulos de propriedade por terem sido enganados, são frequentemente lembrados.

A Pastoral, com essas denúncias, procura evitar que o migrante que no campo perdeu sua terra como meio de vida seja enganado também na cidade. Assim, desenvolve esforços para engajá-lo em organizações populares, em comunidades eclesiais de base, para que possa, além de receber os serviços espirituais, desenvolver sua individualidade. Na comunidade, ele vai ter vez e voz, vai tomar conhecimento de sua realidade. Vai se conscientizar. Vai discutir os problemas que afligem sua vida. Vai entender que somente a redistribuição da renda, através de uma reforma agrária, fixará o homem no campo ao invés de espoliá-lo.

("Folha da Tarde" de SP, de 05-outubro-1981)



MIGRANTES: SEM TERRA À PROCURA DE UMA ESPERANÇA (FINAL)

Reforma Agrária é Solução?

CAETANO MATANÓ JUNIOR

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES NO TRABALHO COM OS MIGRANTES?

Os agentes da Pastoral Migratória afirmam que "pelo fato de serem migrantes e ter que mudar de um lado para outro constantemente, faz com que eles não se sintam uma categoria, como são os operários, os professores, os bancários etc.; quer dizer, os migrantes enquanto tais, devido à sua mobilidade, não têm nenhuma identidade a defender e nenhum vínculo entre si, laços ou relações que os façam sentir-se como classe; assim é muito difícil trabalhar com pessoas que não possuem identidade".

Dai porque, então, a Pastoral — principalmente com os migrantes em trânsito — desenvolve praticamente uma ação assistencialista, de caridade. Os agentes, todavia, estão conscientes de que tal atuação pode provocar ou mesmo facilitar o aumento do número de migrantes, devido à

corrente de informações que corre de boca em boca entre eles.

Todavia, como a Pastoral quer ser transformadora dá prioridade para o trabalho desenvolvido junto aos operários da construção civil, com os bóias-frias, e com os migrantes mais próximos à fonte agrícola.

O QUE É POSSÍVEL FAZER?

Antes de mais nada a visão da Pastoral é abrangente. Formadora. Conscientizadora. Como pretende ser transformadora da estrutura que causa a migração, a ação da Pastoral é a longo prazo. Um elenco de perguntas ajudam a entender a problemática:

- a-) Por que saíram tantos paranaenses do Estado nos últimos dez anos?
- b-) Por que as favelas aumentaram em proporções tão elevadas nos últimos anos?
- c-) Por que há tantas lutas de posseiros pela posse da terra?

d-) Por que tanta gente vai para o Paraguai, Bolívia, Roraima ou Rondônia?

e-) Será que não há terra mais próxima?

f-) Por que o campo se esvazia e as cidades crescem tanto?

g-) Por que com as secas do Nordeste ou com as geadas do Sul só migram os peões, arrendatários, meeiros ou pequenos proprietários?

Ao tentar responder a todas essas perguntas o Centro de Estudos Migratórios chegou a uma conclusão: no fundo de todo o problema está a questão crucial da terra. Da propriedade da terra.

REFORMA AGRÁRIA É SOLUÇÃO?

Para os agentes e estudiosos parece ser a reforma agrária ponto fundamental do programa. A reforma agrária fixaria o homem no campo resolvendo, portanto, o problema das correntes migratórias. Todavia, hoje, a dúvida

é quanto à viabilidade da proposta. "Será possível realizar-se uma reforma agrária dentro da atual estrutura?"

Enquanto meditam e estudam o problema, vão os agentes desenvolvendo seus trabalhos com vistas a organizar os migrantes, semando pessoas que querem que os trabalhadores tenham vez e voz e denunciando todos os que pretendem simplesmente manipulá-los. Há uma consciência clara, nítida de que as soluções mais permanentes somente serão alcançadas de baixo para cima, ou melhor: a reforma agrária não cairá do céu como um presente, mas surgirá como uma necessidade concreta para resolver o problema da sobrevivência de milhões de trabalhadores rurais, hoje marginalizados.

E nesse trabalho "todo o povo de Deus deve ser envolvido com vistas a mobilizar a opinião pública como um todo, pois a tarefa é de todo o povo brasileiro."

(Folha da Tarde" de SP, de 06-outubro-1981)